

## Teologia do Culto

### Definições

#### Introdução

Nas próximas semanas trataremos em nossa Escola Dominical, sobre um assunto muito importante (senão o mais importante!) da Fé Cristã, a saber, a adoração a Deus. Ao abordarmos o assunto, o faremos pela ótica da Teologia, e, por isso, o nome “Teologia do Culto”.

A adoração a Deus é sem dúvida alguma a razão de ser da Igreja e o que impulsiona a obra missionária, pois, onde não existem pessoas que conhecem a Cristo, lá estarão os missionários pregando o Evangelho, a fim de que essas pessoas sejam convertidas a Cristo e, depois disso, se unam ao Corpo de Cristo, a Igreja, e tornem-se adoradores de Deus.

Entre outros assuntos que abordaremos aqui nesses estudos, veremos a origem do culto bíblico, o seu propósito, e a forma como esse culto deve ser realizado. Adotaremos o que nos prescreve a nossa Confissão de Fé de Westminster sobre o culto a Deus, discorrendo assim sobre cada parágrafo em que ela trata do Culto Divino.

#### 1.1. Definições

Para ajudar-nos na definição de “culto”, vejamos o que nos diz a Confissão de Fé de Westminster.

No Cap. XXI, no § 1º diz:

A luz da natureza mostra que há um Deus, que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda força (Rm.1.19,20; Jr.10.7; Sl.19.1-6); mas, o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras (Dt.12.32; Mt.15.9; At.17,24,25; Ex.20.4-6; Cl.2.20-23).

E no § 2º diz:

O culto religioso deve ser prestado a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo – e só a ele (Jo.5.23; 2Co.13.13; Mt.4.10; Ap.5.11-13); não deve ser prestado nem aos anjos, nem aos santos, nem a qualquer outra criatura (Cl.2.18; Ap.19.10; Rm.1.25); nem deve, depois da queda, ser prestado a Deus pela mediação de qualquer outro, senão unicamente a de Cristo (1Tm.2.5; Ef.2.18).

#### 1.2. O alvo da adoração

O Deus Triúno é o alvo da nossa adoração. No § 1º lemos: “A luz da natureza mostra que há um Deus, que tem domínio e soberania sobre tudo, que é bom e faz bem a todos, e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo o coração, de toda a alma e de toda força (Rm.1.19,20; Jr.10.7; Sl.19.1-6)”, e no § 2º diz: “O culto religioso deve ser prestado a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo – e só a ele (Jo.5.23; 2Co.13.13; Mt.4.10; Ap.5.11-13)”.

Infelizmente, muitas pessoas têm buscado a Igreja para louvarem com outras finalidades. O “sentir-se bem”, o “ser abençoado” tem ocupado o lugar de Deus na adoração. É claro que quando louvamos a Deus em “espírito e em verdade” somos abençoados por Ele e isso sem dúvida alguma nos faz sentir melhor. Mas, não é o homem o alvo da adoração, e sim, Deus.

Quando em nosso culto Deus for o alvo, aquele para quem nossos olhos e amor estão voltados experimentaremos a mais plena satisfação do nosso ser. **Enquanto buscarmos a bênção do Senhor pela benção somente, não estaremos cultuando a Deus de verdade; quando buscarmos o Senhor das bênçãos por Ele somente, então o culto será o momento mais abençoador da nossa vida.**

### 1.3. O modo da adoração

Em nossos dias temos ouvido com cada vez mais frequência o seguinte: “*Nosso culto deve ser criativo, porque Deus é criativo; nosso culto deve ser contemporâneo porque Deus é sempre atual, e somente um culto contemporâneo será capaz de atrair as pessoas a Jesus*”. Onde estão os erros (absurdos!) nessas afirmações?

- a) Um culto carnal: é carnal porque obedece aos desejos carnais em vez de obedecer a Deus. Ser “carnal” não significa ser promíscuo, devasso e entregue às mais nojentas formas de pecado, como geralmente se pensa. A Bíblia chama de “carnal” aquela pessoa que confia em si e não em Deus. Quando buscamos um culto criativo, estamos simplesmente rejeitando a forma do culto que Deus estipulou e exige para Si. No § 1º da Confissão de Fé lemos: “*mas, o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo, e é tão limitado pela sua própria vontade revelada, que ele não pode ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens, ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível, ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras (Dt.12.32; Mt.15.9; At.17.24,25; Ex.20.4-6; Cl.2.20-23)*”. Todo o processual do culto no Antigo Testamento aponta para a pessoa de Jesus Cristo, no Novo Testamento. Logo, se eu quero render a Deus um culto que siga os padrões que Ele estabeleceu devo fazê-lo por meio de Jesus Cristo, ou seja, confiante somente no Seu sacrifício.
- b) Um culto mundano: a alegação de que o culto deve ser contemporâneo tem levado muitas igrejas a se esforçarem ao máximo por se tornarem cada vez mais “aceitáveis” ao mundo. Esquecem-se do que nos diz Tg.4.4: “*Infiéis, não compreendeis que a amizade do mundo é inimiga de Deus? Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus*”. Com a desculpa de serem simpáticas ao mundo, retirando as barreiras que impedem o mundo de se aproximar do Evangelho, muitas igrejas têm permitido o mundanismo em seus cultos.
- c) Um culto falso: por tudo isso, tal culto é falso. É um culto voltado para a criatura e não para o Criador. No § 2º da Confissão de Fé lemos: “*não deve ser prestado nem aos anjos, nem aos santos, nem a qualquer outra criatura (Cl.2.18; Ap.19.10; Rm.1.25); nem deve, depois da queda, ser prestado a Deus pela mediação de qualquer outro, senão unicamente a de Cristo (1Tm.2.5; Ef.2.18)*”. Qualquer culto que a pessoa pensa que seus dons e habilidades são o que agrada a Deus, é um culto falso, é adoração da criatura a si mesma, uma forma perversa de idolatria.

### 1.4. Ação ou reação?

Se pensarmos no culto como um *ato* em que nos aproximamos de Deus para louva-Lo, então podemos dizer que ele é uma *ação*. Se, porém, considerarmos o que a Bíblia diz, então veremos que o nosso culto a Deus é uma *reação*:

Ef.2.1,5: “*Ele vos deu vida, estando vós mortos em vossos delitos e pecados (...) e estando nós mortos em nossos delitos e pecados, nos deu vida juntamente com Cristo*”

Jo.4.23,24: “*Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade*”.

O culto a Deus é uma *reação* (resposta) de nossa parte a Ele, resposta essa que só podemos dar porque Ele primeiramente veio ao nosso encontro. Portanto, conclui-se que, quando deixamos de cultuar a Deus, tanto em nossa vida privada como na pública, estamos desobedecendo a Deus deixando de responde-Lhe ao Seu chamado. Eis porque a exortação de Hb.10.25 é muito séria: “*Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima*”.

## Os Elementos do Culto Bíblico

### Introdução

No estudo de hoje, iniciaremos a nossa abordagem sobre **os elementos do culto bíblico**, os quais de conformidade com a Confissão de Fé de Westminster adotada pela nossa Igreja devem estar presentes em nosso culto.

### 2. Os elementos do culto bíblico e público

Esses elementos indispensáveis e essenciais do culto bíblico são: a oração, leitura e exposição da Palavra de Deus, cânticos de salmos (e outras músicas e hinos que glorificam a Deus), devida administração dos sacramentos (Batismo e Santa Ceia), juramentos e votos, jejuns solemes e ações de graças. Tudo isso com muita fé e reverência diante de Deus. Vejamos cada um desses elementos:

#### 2.1. A oração

O parágrafo III do cap. XXI, no diz:

A **oração** com ações de graça, sendo **uma parte especial do culto religioso** (Fp.4.6), é por Deus exigida de todos os homens e, para que seja aceita, deve ser feita em o nome do Filho (Lc.18.1; 1Tm.2.8), pelo auxílio do Espírito (Rm.8.26), segundo a sua vontade (1Jo.5.14), e isto com **inteligência, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança** (Sl.47.7; Hb.12.28; Gn.18.27; Tg.5.16; Ef.6.18). Se for vocal, deve ser proferida em **uma língua conhecida dos presentes** (1Co.14.14-17).

Diante do que prescreve a Confissão de Fé, a oração “*uma parte especial do culto religioso* (Fp.4.6)”.

Ela deve ser:

- ✓ **Com ações de graça:** a gratidão de um coração crente deve sempre ser expressa em suas palavras.
- ✓ **Um ato de obediência a Deus:** se Deus exige de todos nós a prática da oração, então, deixarmos de orar é um pecado, um ato desobediente.
- ✓ **Em Nome de Jesus:** muitos tomam o Nome de Cristo como se fosse um passe de mágica, que, no momento em que a pronunciamos tudo acontece tal qual queremos. Isso é um grave erro! Quando terminamos uma oração e dizemos “em Nome de Jesus. Amém!”, estamos, declarando que **nos aproximamos de Deus**, não confiantes em nós mesmos, mas, **confiantes somente no sacrifício de Jesus Cristo**. Tal oração é ouvida por Deus, e por Ele aceita.
- ✓ **Pelo auxílio do Espírito Santo:** nós não sabemos orar como convém, diz Rm.8.26; por esse mesmo motivo precisamos do auxílio do Espírito Santo nos ajudando a sondar nosso coração, iluminando os nossos pensamentos para que possamos orar de acordo com a vontade de Deus.
- ✓ **Segundo a vontade de Deus:** uma oração segundo a vontade de Deus é feita confiante somente nos méritos de Jesus e pelo auxílio do Espírito Santo. Além disso, tal oração deve expressar aquilo que é a vontade de Deus para a pessoa (1Jo 5.14). Deus não nos dará aquilo que Ele não quer nos dar. Um coração que vive na presença de Deus, que se submete a Ele e O ama acima de tudo, será iluminado pelo Espírito Santo em relação ao que pedir a Deus.
- ✓ **Com inteligência e inteligível:** Deus distinguiu os homens dos animais dando-lhe a razão e a inteligência; o homem precisa usá-la quando orar. O uso de vãs repetições (Mt.6.7) é prova do não uso da inteligência. E por isso mesmo, deve ser inteligível, ou seja, numa língua que todos entendam. As tais “línguas estranhas” muito comuns nos meios pentecostais e neopentecostais, que muitas vezes são chamadas de “línguas dos anjos” ou “dom de línguas”, se mostram muito diferentes daquelas registradas no livro de Atos. Causam espanto e escândalo aos de fora, e, não poucas vezes, confusão entre os irmãos. A recomendação de Paulo em 1Co.14.19 deve ser levada

- a sério! A IPB crê que esse “dom” cessou nos tempos do Novo Testamento quando cumpriu o seu papel, não sendo necessárias mais hoje.
- ✓ **Com reverência:** nunca devemos esquecer diante de quem estamos quando oramos. A reverência (falaremos mais dela no decorrer desse estudo) é muito mais do que o uso de palavras bonitas. Podemos usar um rico vocabulário em nossas orações e elas serem desprezíveis a Deus por causa de nossa hipocrisia (Lc.18.10-14). A reverência de um coração em relação a Deus não é só no culto, mas, durante toda a vida. Porém, se nem no culto mantemos uma atitude reverente, o que podemos esperar do nosso dia a dia?
  - ✓ **Com humildade:** um coração reverente sempre é humilde, pois, reconhece a grandeza de Deus ao mesmo tempo em que vê a sua própria insignificância. Na oração não cabe palavras como: “eu ordeno”, “eu decreto”, “eu exijo”, etc. Tais expressões são totalmente contrárias a tudo o que a Bíblia nos ensina sobre oração.
  - ✓ **Com fervor:** o que não quer dizer barulho, algazarra. O fervor é a expressão de uma fé que não se deixa esmorecer diante das lutas; uma oração fervorosa é a que não perde de vista o poder de Deus e Nele descansa. Fervor é a atitude de um coração que sempre diz: “Eu sei em quem tenho crido” (2Tm 1.12), e por isso, permanece firme na presença de Deus. O fervor também pode ser uma expressão de alegria que exulta na presença de Deus por Seus poderosos feitos.
  - ✓ **Com fé:** a fé é o “combustível” que mantém o fervor de um coração. É óbvio que se trata aqui da fé em Deus e no seu poder. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6).
  - ✓ **Com amor:** por Deus e Sua glória, pelas vidas daqueles por quem intercedemos, pelas causas que suplicamos a Graça de Deus. O amor é a marca principal do crente e é a primeira característica do fruto do Espírito Santo na vida do crente (Gl 5.22,23).
  - ✓ **Com perseverança:** a perseverança não é teimosia. Devemos perseverar antes de recebermos a resposta, enquanto estamos recebendo a resposta de Deus e depois de termos recebido a resposta devemos perseverar na presença de Deus. Quando já recebemos a resposta de Deus, e esta se mostra diferente do que queríamos, e mesmo assim continuamos orando e insistindo com Deus, isso não é perseverança, é teimosia, e, portanto, pecado.

Ainda sobre a oração ressaltamos o parágrafo IV do cap. XXI da Confissão de Fé que diz:

A oração deve ser feita **por coisas lícitas** (1Jo 5.14) e **por todas as classes de homens** que existem atualmente ou que existirão no futuro (1Tm 2.1,2; Jo 17.20; 2Sm 7.29); mas **não deve ser feita em favor dos mortos** (Is 8.19), **nem em favor daqueles que se saiba terem cometido o pecado para a morte** (1Jo 5.16).

Não devemos orar somente por nós, mas devemos praticar a intercessão a favor das outras pessoas. A prática da intercessão nos aproxima das pessoas, quebra e derruba barreiras em nosso coração para com aqueles com quem temos algum desafeto ou discordância; também nos faz interessarmos pelos outros a ponto de sentirmos e sofrermos com eles. Em relação aos mortos a Bíblia é veementemente contra tal prática. Toda a intercessão por alguém deve ser feita em vida. Quanto ao “pecado para a morte” a que se refere João aqui, não se refere à condenação eterna, mas, sim, à uma situação de enfermidade da qual não há mais esperanças de cura porque a vontade de Deus é que a pessoa passe pela morte em decorrência dessa enfermidade.

Em seu livro *Louvor em Crise*, Peter Masters comentando sobre a oração afirma que “*De modo geral, devemos colocar as necessidades espirituais em primeiro lugar, e as temporais em segundo*”<sup>1</sup>, ou seja, devemos buscar em primeiro lugar as coisas referentes à vida espiritual e à eternidade, e, depois, as coisas materiais relacionadas a esta vida.

<sup>1</sup> MASTERS, Peter. *Louvor em Crise*. Editora Fiel, São José dos Campos (SP), 1<sup>a</sup> edição, 2002, p.76.

## Os Elementos do Culto Bíblico

### (Continuação)

#### Introdução

Continuando nossos estudos sobre os elementos do culto bíblico, veremos a importância da leitura e pregação da Palavra de Deus, especialmente no que diz respeito ao culto público.

### 3. Os elementos do culto bíblico e público (continuação)

#### 3.1. A leitura e a exposição da Palavra

O momento mais importante de um culto, de uma reunião de crentes, deve ser a Palavra de Deus. É por meio da Palavra que os corações pecadores são convertidos, e os convertidos são fortalecidos na Graça do Senhor. O parágrafo V do mesmo capítulo da Confissão de Fé lemos:

A leitura das Escrituras, com santo temor (At 15.21; 17.11; Ap 1.3); a sã pregação (2Tm 4.2) da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência (Tg 1.22; At 10.33; Hb 4.2; Mt 13.19; Is 66.2); o cântico de salmos, com gratidão no coração (Cl 3.16; Ef 5.19; Tg 5.13); bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo são partes do culto comum oferecido a Deus (Mt 28.19; At 2.42; 1Co 11.23-29), além dos juramentos religiosos (Dt 6.13), votos (Sl 116.14; Is 19.21; Ne 10.29), jejuns solenes (Jl 2.12; Mt 9.15; 1Co 7.5; Ef 4.16) e ações de graça em ocasiões especiais (Sl 107), os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso (Jo 4.24; Hb 10.22).

Uma das principais características da vida cristã e do culto público que a Reforma Protestante resgatou, foi a leitura e a pregação da Palavra de Deus. Um culto verdadeiramente cristão tem na leitura e pregação das Escrituras o seu foco.

#### 3.1.1. A leitura e a exposição da Palavra no Antigo Testamento

Nos tempos do Antigo Testamento, a leitura das Escrituras restringia-se à Lei Mosaica. Vejamos alguns episódios em que a Lei foi lida para o povo.

#### Êxodo, Deuteronômio e Josué

Nestes três livros encontramos a Lei sendo lida para o povo de Israel. A primeira vez que a Lei de Deus foi dada ao povo, foi quando o povo começara sua peregrinação para a Terra Prometida por ocasião do Êxodo (Êx 24.7). Depois, por causa da rebeldia e incredulidade do povo, Deus pesou a mão sobre aquela geração mais velha, e dos mais velhos ninguém entrou na Terra Prometida, exceto, Josué e Calebe (Nm 32.11-13). Estando Moisés ainda vivo ele lê novamente a Lei para a segunda geração dos israelitas. Daí surge o livro de Deuteronômio que literalmente significa “repetição da Lei”. Chegara a hora de tomar a Terra Prometida. Antes de começarem a tomada da Terra sob as ordens de Josué, Deus ordenou a ele que lesse toda a Lei novamente ao povo (Js 8.30-35).

#### Esdras e Neemias (Ne 8.1-12)

Muitos séculos depois, por volta de 430 a.C., quando os judeus voltaram do cativeiro babilônico no qual permaneceram por cerca de setenta anos, Esdras e Neemias lideraram a restauração não só da cidade de Jerusalém e do Templo do Senhor, mas, também, a restauração do culto a Deus. E um momento marcante e muito importante nesse processo de restauração foi a leitura da Lei feita por Esdras, perante o qual o povo compareceu e em pé ouviu atentamente a leitura e a explicação da Lei. Tomado por um profundo senso de arrependimento e contrição, o povo chorava diante de Deus, mas Esdras e Neemias repreenderam o povo dizendo que aquele dia era dia de alegria e que deveriam regozijar-se na presença de Deus. Este relato de Neemias é muito impressionante e

deve levar-nos a refletirmos sobre a nossa postura em relação à Palavra de Deus quando esta é lida e explicada num sermão. A exortação que nos é feita no parágrafo V do capítulo XXI da Confissão de Fé se encaixa perfeitamente neste relato bíblico, pois, nele vemos santo temor, sã doutrina, consciente atenção com obediência, entendimento, fé e reverência por parte de quem prega e de quem ouve. Lamentavelmente, a postura relapsa de muitos no momento do culto compromete a reverência que se deve à Palavra de Deus e, consequentemente, falta o temor, a obediência, o entendimento e a fé.

### 3.1.2. A leitura e a exposição da Palavra no Novo Testamento

No Novo Testamento encontramos vários textos que nos mostram a importância de se ler as Escrituras em público e dar conhecimento delas às pessoas. Um fato importante que precisamos destacar quanto ao assunto é que nos tempos apostólicos, a “Bíblia deles”, ou seja, o texto que era lido por eles, era o Antigo Testamento. Todas as vezes que o Senhor Jesus se referiu às Escrituras, falava do Antigo Testamento e o mesmo fizeram os apóstolos quando ensinavam e evangelizavam as pessoas. No caso dos apóstolos, eles sempre lançavam mão do Antigo Testamento para mostrar que o Senhor Jesus Cristo é o cumprimento de todas as profecias das Escrituras do Antigo Testamento.

#### O Senhor Jesus Cristo

Em Lc 4.16-30, encontramos o Senhor Jesus em dia de sábado numa sinagoga. Lá, Ele tomou a cópia do livro do profeta Isaías (os vários livros do Antigo Testamento eram separados um do outro em forma de rolos), e leu o texto referente a Is 61.1,2. Em seguida, Ele aplicou-o a Si mesmo dizendo que Ele era o cumprimento daquela profecia. Aqui vemos um exemplo da leitura e da exposição da Palavra por parte de Jesus.

#### Os escritos apostólicos

O Novo Testamento foi escrito no decorrer de algumas décadas. Os apóstolos ao escreverem suas cartas às igrejas tiveram a pretensão de que elas viessem a ser consideradas “Escrituras Sagradas” no mesmo nível e importância que o Antigo Testamento (p.ex., Ef 2.20). Deus estava orientando todo o processo para que os textos do Novo Testamento tivessem essa mesma importância.

Em 2Pe 3.15,16, o apóstolo Pedro ao falar sobre os ensinamentos e escritos de Paulo deixa bem claro que ele considerava tais escritos de Paulo como “**as demais Escrituras**”. Assim, tornou-se comum entre os cristãos da Igreja Primitiva acatar os ensinos dos apóstolos e ver nestes a mesma autoridade do Antigo Testamento. Em Ef 2.19,20, Paulo falando para os crentes de Éfeso quem eles eram, disse-lhes que eles estavam alicerçados sobre o “**fundamento dos apóstolos e profetas**”, bem como sobre o próprio Senhor Jesus, a Pedra Angular. Em Cl 4.16, Paulo ordena que a carta que ele mandara aos crentes que habitavam em Colossos, depois que fosse lida por eles em público, também fosse enviada à igreja de Laodiceia para que lá fosse lida também. Essa carta é o que se chama de “**carta circular**”. Em 1Tm 4.13, Paulo ordena a Timóteo que enquanto aguardasse a sua chegada, que se aplicasse à leitura, à exortação e ao ensino. A “leitura” aqui não se referia ao estudo particular, mas, sim, à leitura pública das Escrituras (Antigo Testamento), à exortação e ensino mediante a Palavra de Deus.

#### Conclusão

Estes textos são suficientes para mostrar-nos o quanto devemos ser zelosos pela leitura da Bíblia no culto público. Todas as partes do nosso culto a Deus (liturgia) devem ser dirigidas por textos bíblicos, não para “recheá-las” como comumente se pensa, mas, sim, para dirigir nosso coração o tempo todo na adoração, louvor e devoção corretos.

A pregação da Palavra de Deus deve ocupar não somente o lugar de destaque no culto como também deve ser clara a fim de que todos os irmãos a compreendam. A Palavra de Deus deve ser recebida pelos corações com total obediência, entendimento, fé e reverência. **Um culto que**

agrada a Deus tem a pregação da Palavra de Deus como o ponto alto do culto, pois, é o próprio Deus falando com a Igreja, e somente Ela é que pode transformar o pecador perdido, num adorador fervoroso.

## Os Elementos do Culto Bíblico

### (Continuação)

#### Introdução

Já vimos a importância da oração e da leitura e exposição da Palavra de Deus. Neste estudo veremos outro elemento que deve estar presente no culto público: **a música**. Esta deve ser corretamente aplicada para que Deus seja louvado como Ele quer e o Seu povo seja também edificado.

Continuando o parágrafo V do capítulo XXI da Confissão de Fé de Westminster, lemos:

A leitura das Escrituras, com santo temor (At.15.21; 17.11; Ap.1.3); a sã pregação (2Tm.4.2) da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência (Tg.1.22; At.10.33; Hb.4.2; Mt.13.19; Is.66.2); **o cântico de salmos, com gratidão no coração (Cl 3.16; Ef 5.19; Tg 5.13)**; bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo são partes do culto comum oferecido a Deus (Mt.28.19; At.2.42; 1Co.11.23-29), além dos juramentos religiosos (Dt.6.13), votos (Sl.116.14; Is.19.21; Ne.10.29), jejuns solenes (Jl.2.12; Mt.9.15; 1Co.7.5; Ef.4.16) e ações de graça em ocasiões especiais (Sl.107), os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso (Jo.4.24; Hb.10.22).

Hoje veremos a **importância dos cânticos e hinos** no culto a Deus.

#### 4. Os elementos do culto bíblico e público (continuação)

##### 4.1. Os cânticos

A área musical da Igreja é muito importante. Através das músicas a mensagem do Evangelho pode ser aplicada de uma forma singular. Os que foram criados desde sua infância na Igreja recordam vividamente as músicas e cânticos que lhes foram ensinados. **A música é, portanto, um auxílio muito especial para o ensino da Palavra, mas, nunca, uma substituta da pregação da mesma.**

Um exemplo claro de como a música exerce forte influência em nossas vidas pode ser visto na história de Davi. Uma pequena canção perturbou Davi. Em 1Sm 18.7, quando Davi voltou da guerra contra os filisteus, as mulheres lhe saíram ao encontro e cantaram: “Saul feriu os seus milhares, porém, Davi, os seus dez milhares” (veja 1Sm 21.11; 29.5). Tal música foi a “última gota d’água” para transbordar a ira de Saul contra Davi. Para onde quer que Davi fugisse da presença de Saul, essa música de alguma forma chegava primeiro, e denunciava a Saul onde Davi se encontrava.

##### 4.2. A música no Antigo Testamento

Desde os tempos do Antigo Testamento a música sempre foi empregada no louvor a Deus. A prova disso são os Salmos, que em sua maioria eram cânticos entoados ao Senhor tanto a caminho do Templo, como lá no Templo.

A música como elemento de louvor a Deus sempre esteve presente na vida do Seu povo. Em ocasiões como, por exemplo, a colheita, uma vitória militar, o nascimento de uma criança, o avanço de um exército, algum dia festivo, a coroação de um rei, etc., como podemos ver nas passagens de Ex 32.17,18; Jz 11.34,35; Is 16.10; Jr 48.33.

Nos tempos de Moisés no tabernáculo, antes de Israel ter um templo definitivo para Deus como aconteceu somente nos dias de Salomão, pouca informação temos sobre a existência da música no culto a Deus. Ocasiões como a registrada em Lv 23.24, quando o povo era reunido em “santa convocação” ao som das trombetas. Deus ordenou que duas trombetas de prata fossem feitas para serem tocadas no dia de uma guerra. Algum tempo depois, quando o povo se reunisse para adorar a Deus pela vitória concedida, essas trombetas deveriam ser tocadas novamente (cf. Nm 10.2;8-10).

Nos tempos do reinado de Davi é que encontramos a música ganhando destaque no culto. É dito que foi ele quem começou a sacralização da música em Israel, e assim introduziu-a no templo, com um contingente de 4.000 músicos dos 38.000 levitas que serviam no templo (1Cr 15.16; 23.5). Havia quem somente tocasse instrumentos musicais, como também quem tocasse e cantasse. Em 1Cr 25.5.7, lemos sobre 288 músicos, divididos em 24 turnos de 12 membros cada atuando no louvor congregacional.

É bom evitarmos o erro que é cometido por muitos radicais que dizem que o uso de instrumentos musicais é algo que Deus não aceita porque a origem dos instrumentos musicais encontra-se em Jubal (Gn 4.21), o qual era descendente de Caim. Não temos qualquer base bíblica para recusarmos o uso de instrumentos musicais, e muito menos recusá-los por causa de Jubal, pois, não sabemos com qual finalidade ele usava tais instrumentos<sup>2</sup>. Contudo, o uso de instrumentos deve ser sempre com muito discernimento. **Não precisamos de instrumentos musicais para louvar a Deus, e nem mesmo, eles devem se destacar no louvor congregacional.**

#### 4.3. A música no Novo Testamento

Quanto ao Novo Testamento, a saber, temos um pouco mais sobre assunto. Mas, consideraremos apenas as seguintes passagens:

**Colossenses 3.16:** “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração”.

**Efésios 5.19:** “falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais”.

Comentando esses versos, William Hendriksen renomado teólogo e intérprete da Bíblia diz<sup>3</sup>:

O termo *salmos* com toda probabilidade se refere, ao menos principalmente, ao Saltério do Antigo Testamento; *hinos*, principalmente aos cânticos de louvor a Deus e a Cristo no Novo Testamento (v.14, onde Cristo é louvado como Fonte de luz, contendo, talvez, linhas de um desses hinos); e, finalmente, *cânticos espirituais*, principalmente à lírica sagrada, tratando de temas não diretamente relacionados com o louvor a Deus ou a Cristo. Pode haver, entretanto, certa abrangência ou ampliação na significação desses três termos segundo seu uso aqui, por Paulo. (...) quando os crentes se reunirem, não devem entregar-se a festas desordenadas, mas devem edificar-se reciprocamente, falando uns aos outros por meio de canções cristãs, fazendo-o *de coração, para o louvor e honra de seu bendito Senhor*. Devem fazer música com a voz (“cantando”) ou de qualquer forma corrente, seja vocal ou instrumental (“fazendo melodias”).

E ainda:

Agostinho declara que um hino possui três elementos essenciais: deve ser **cantado**; deve ser **louvor**; deve ser **para Deus**. Segundo essa definição, seria possível a um salmo do Velho Testamento, cantado em louvor a Deus, ser também um hino (...) Em tudo e por tudo, parece que o apóstolo emprega estes três termos aqui em Cl.3.16, distinguindo-se aparentemente até certo ponto: o termo *salmos* se refere, pelo menos em primeira mão, ao Saltério do Velho Testamento; *hinos*, principalmente aos cânticos neotestamentários de louvor a Deus ou a Cristo; e *cânticos espirituais*, especialmente a quaisquer outras canções sacras que versem sobre temas que não sejam louvor direto a Deus ou a Cristo<sup>4</sup>.

**Tiago 5.13:** “Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores”.

<sup>2</sup> Cf. CHAMPLIN, 2006, vol.4, p.424.

<sup>3</sup> HENDRIKSEN, 2005, p. 287.

<sup>4</sup> HENDRIKSEN, 1993, p. 203, 204.

“Quem canta seus males espanta” diz o adágio popular. Mas o que a Bíblia está dizendo aqui é justamente o contrário. O sofrimento de uma pessoa deve levar-nos a orar por ela; a alegria de um irmão deve ser compartilhada por nós também com cânticos de louvores ao Senhor, que é a razão da nossa alegria. Não se trata de uma música qualquer, mas, sim, da que exalta o Senhor Deus.

#### 4.4. A música hoje

Como temos ressaltado, a música é um elemento muito importante no culto a Deus, **porém, se não for devidamente usada pode ser um desastre**. Quantas heresias têm sido ensinadas e perpetuadas dentro de nossas igrejas, simplesmente, porque o ritmo de uma música marcou.

**Deve haver por parte dos músicos um exame criterioso das letras, a fim de que elas ensinem o que a Bíblia ensina e nada mais. Que os ritmos utilizados não estimulem sensualidade, frivolidade, ou meramente uma descontração. Se as emoções não devem ser sufocadas, tão pouco devem ser estimuladas, pois, a carnalidade aflora com muita facilidade em atitudes emotivas<sup>5</sup>.**

Outro erro que deve ser evitado pelos músicos é o de pensarem que a área musical da Igreja é uma oportunidade para eles expressarem seus dons somente. Aliás, esse erro deve ser evitado por todos nós. Não “expressamos nossos dons”, mas, sim, servimos a Deus com aquilo que Ele nos deu, ou seja, os dons são de Deus e nos são cedidos por Ele para o serviço Dele. Com muita facilidade músicos têm dado asas à vaidade e têm agido de forma abominável diante de Deus. O músico, assim como qualquer outro crente deve ter sempre em seu coração o fato de que ele louva a Deus por ter Nele sua única fonte de alegria e satisfação. **A música é uma arte, e se não for devidamente utilizada pode ser apenas expressão de vaidade humana.**

Há muita discordância sobre quais ritmos devem ser utilizados nas músicas entoadas num culto a Deus. Os defensores do “Culto Contemporâneo” advogam que as músicas de uma Igreja devem ser de acordo com o público-alvo dela. Assim, se a igreja está instalada numa região onde a música que predomina é em ritmo de samba, as músicas da igreja devem ser nesse ritmo para atrair as pessoas<sup>6</sup>. **A música e o ritmo adequados são aqueles que não chamam a atenção para si mesmos, mas, sim, apenas contribuem para que a mensagem bíblica seja por eles transmitidas.** Nesse sentido, os hinos evangélicos clássicos são insuperáveis. Esse princípio é o mesmo que Paulo aplica a si mesmo em 2Co 4.7, onde ele nos diz que a glória não está nos “vasos de barro”, mas, sim na mensagem que estes vasos comportam.

A música na Igreja deve ser identificada como “música da Igreja”. Se a melodia e o ritmo contribuem para que as pessoas sejam edificadas com a mensagem pura e cristalina do Evangelho, então essa música é “boa”. Se, contudo, for um exibicionismo dos músicos e cantores, ainda que tal música contenha uma mensagem coerente com a Palavra, não estará de acordo com os padrões de Deus. **A música não é para agradar aos homens, mas, para engrandecer o Nome de Deus!**

Limitarmos o estilo de música que uma igreja usa a apenas uma “questão de gosto pessoal” é um grave erro. Um elemento que não pode faltar em nossos cânticos e hinos é a gratidão. Todas as nossas músicas devem de alguma forma mostrar nossa gratidão a Deus por tudo o que Ele fez e tem feito em nossa vida. Alguém disse que “a gratidão é a memória do coração”. É o coração que não se esquece de tão grande bênção recebida. A gratidão deve estar presente em nossa adoração, sem ela, a adoração não existe.

Não devemos tocar em nossa Igreja uma música que agrade esse ou aquele grupo, mas, sim, músicas que glorifiquem a Deus, que conduzam os corações à reflexão, à meditação na Palavra de Deus e serem instruídos com as verdades preciosas do Evangelho.

<sup>5</sup> Por “carnalidade” entendemos ações que nos levam a confiar em nós mesmos e não em Deus.

<sup>6</sup> Em seu livro “Uma Igreja Com Propósitos” Rick Warren defende essa ideia.

## Os Elementos do Culto Bíblico

### (Continuação)

#### Introdução

Continuando nossos estudos sobre os elementos do culto conforme nos aponta a Confissão de Fé de Westminster, veremos a relação dos dois sacramentos (ordenanças) que o Senhor Jesus deixou para Sua Igreja, a saber, a Santa Ceia e o Batismo. A Confissão de Fé diz:

11

A leitura das Escrituras, com santo temor (At 15.21; 17.11; Ap 1.3); a sã pregação (2Tm 4.2) da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência (Tg 1.22; At 10.33; Hb 4.2; Mt 13.19; Is 66.2); o cântico de salmos, com gratidão no coração (Cl 3.16; Ef 5.19; Tg 5.13); **bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo são partes do culto comum oferecido a Deus (Mt 28.19; At 2.42; 1Co 11.23-29)**, além dos juramentos religiosos (Dt 6.13), votos (Sl 116.14; Is 19.21; Ne 10.29), jejuns solenes (Jl 2.12; Mt 9.15; 1Co 7.5; Ef 4.16) e ações de graça em ocasiões especiais (Sl 107), os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso (Jo 4.24; Hb 10.22).

#### 5. Os elementos do culto bíblico e público (continuação)

##### 5.1. Os sacramentos: Santa Ceia e Batismo

Antes de tudo, é importante definirmos o que significa a palavra “sacramento”. O Novo Dicionário da Bíblia<sup>7</sup> mostra que a palavra “sacramento” quando foi empregada pela primeira vez tinha dois sentidos: (1) “*como penhor ou seguro depositado em tesouro público pelas partes envolvidas num processo legal e depositado para um propósito sagrado*”, e (2) “*como o juramento de lealdade ao imperador feito pelo soldado romano, daí passando a significar qualquer juramento*”. Depois, foi empregada pelos teólogos dos primeiros séculos que sistematizaram as doutrinas da Igreja Cristã indicando a observância de um ritual ou coisa tida como sagrada.

Tanto a Igreja Católica como a Igreja Reformada entendem que “sacramento” é a de “*um sinal externo e visível, ordenado por Cristo, estabelecendo e prometendo uma bênção interna e espiritual*”<sup>8</sup>. A diferença para essas duas Igrejas no tocante a esse assunto é a quantidade de sacramentos. Para a Igreja Católica existem sete sacramentos<sup>9</sup>, ao passo que para nós cristãos reformados e protestantes assim como praticamente todas as denominações evangélicas, existem apenas dois sacramentos: o Batismo e a Santa Ceia. Algumas denominações evangélicas preferem o termo “ordenanças” em vez de “sacramentos”. Contudo, isso chega a ser um preciosismo, pois, tanto “sacramento” como “ordenança” apontam para: (1) sua instituição por Cristo, isto é, foi Cristo quem criou; (2) ordem de Cristo expressa a continuação desse sacramento; (3) seu uso essencial como símbolos de atos divinos que são parte integrante da revelação do Evangelho. Por essas razões discordamos dos cinco elementos extras que a Igreja Católica colocou como sacramentos, pois, somente o Batismo e a Santa Ceia preenchem esses requisitos.

##### 5.1.1. A importância deles no culto público

Desde o início da Igreja Cristã a Santa Ceia e o Batismo foram cumpridos com máxima importância. Ambos apontam para: (1) a inserção dos convertidos no Corpo de Cristo, a saber, a Igreja; (2) ambos são profissões de fé; somente quem faz parte da Igreja de Cristo deve receber e participar desses sacramentos.

Assim sendo, essas duas ordenanças são indispensáveis para o culto público, servindo como “meios de graça”, isto é, meios pelos quais os crentes são fortalecidos em sua fé em Cristo. O

<sup>7</sup> DOUGLAS, 1990, vol. II, p.1434.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> Confirmação, Ordenação, Matrimônio, Penitência, Extrema Unção, Eucaristia e o Batismo.

Novo Dicionário da Bíblia diz: “Os sacramentos, quando administrados de conformidade com os princípios estabelecidos nas Escrituras, nos fazem relembrar continuamente a grande base de nossa salvação, a saber, Jesus Cristo em Sua morte e ressurreição, e nos fazem lembrar as obrigações que temos de andar de modo digno da chamada mediante a qual fomos chamados”<sup>10</sup>. Não devemos ver aqui uma espécie de misticismo, conferindo a esses dois sacramentos poderes miraculosos. Antes, devemos nos concentrar no ensinamento que eles nos dão. A Santa Ceia nos remete ao sacrifício de Cristo o qual devemos celebrar com muita gratidão e devoção, pois, não tivesse sido esse sacrifício, ninguém seria salvo, e o Batismo deve ser recebido como sinal da Aliança. Ele não salva, mas, é para quem já é salvo e faz parte da Igreja. O Novo Dicionário da Bíblia diz<sup>11</sup>:

A eficácia dos sacramentos depende da instituição e da ordem emanadas de Cristo. Os elementos por si mesmos não têm qualquer poder: o seu uso fiel é que importa. Pois, por intermédio deles os homens são levados à comunhão com Cristo em Sua morte e ressurreição (Rm 6.3; 1Co 10.16). O perdão (At 2.38), a purificação (At 22.16; cf. Ef 5.26), e a revivificação espiritual (Cl 2.12) são associados com o batismo. A participação no corpo e no sangue de Cristo é realizada por intermédio da Santa Comunhão (1Co 10.16; 11.27). O batismo e o cálice da Ceia são juntamente associados, no ensino de nosso Senhor, quando Ele fala sobre a sua morte e, na mente da Igreja, quando relembra suas solenes obrigações (Mc 10.38,39; 1Co 10.1-5).

Dessa forma, destacamos que esses dois sacramentos estão diretamente ligados à Nova Aliança, que foi feita, ratificada e celebrada por meio do sacrifício de Cristo. **É aqui que está a importância deles no culto público, pois, não existe adoração verdadeira a Deus se não for por meio do sacrifício de Cristo.** Toda adoração e todo culto devem estar alicerçados nessa verdade, pois, é o sacrifício de Cristo que nos torna filhos de Deus (Jo 1.12), e, portanto, adoradores verdadeiros. Se não estivermos alicerçados no sacrifício de Cristo, nosso culto será apenas mais um sacrifício nosso, e qualquer outro sacrifício que não seja o de Cristo, além de ser insuficiente, é principalmente, um insulto a Deus, pois, é uma tentativa tosca que substituir o sacrifício de Cristo.

## 5.2. A administração e a recepção corretas dos sacramentos

A Confissão de Fé de Westminster afirma que os dois sacramentos devem ser devidamente administrados e dignamente recebidos. Muitas igrejas adotam peculiaridades nesse assunto, o que varia de uma igreja para outra a administração e recepção dos sacramentos.

### A administração devida

Nos tempos do Novo Testamento sempre encontramos um oficial da Igreja administrando os sacramentos. Podia ser um apóstolo (At 20.7-11), ou um presbítero, ou um pastor que celebrava a Santa Ceia. No caso do batismo, encontramos um diácono, a saber, Filipe, batizando o eunuco (At 8.38). No geral, nas Igrejas Reformadas e históricas, os sacramentos são administrados por um pastor. Já nas Igrejas Pentecostais e Neopentecostais é comum encontrarmos diáconos e presbíteros administrando os sacramentos. **A Reforma Protestante adotou uma restrição da administração dos sacramentos somente na pessoa dos pastores** para que se evitasse uma banalização dos mesmos. O mesmo princípio vale para a periodicidade; celebramos a Santa Ceia uma vez por mês; quanto ao batismo é uma única vez.

### A devida recepção

Cada crente deve ter em seu coração santo temor e respeito para com os sacramentos pela significação que eles têm. Devemos nos aproximar da Mesa do Senhor com o coração cheio de **alegria** por podermos dela participar, mas, também com muita **reverência** em nosso coração. Quanto ao Batismo, muito mais do que sermos recebidos na igreja local, ele simboliza o sermos recebidos *em*

<sup>10</sup> DOUGLAS, 1990, p.1435.

<sup>11</sup> Ibid, p.1435.

Cristo, ou seja, fazemos parte de Sua Família (Ef 2.19), e parte Dele mesmo. Ao receber os sacramentos em sua vida, tenha isso em máxima consideração com um coração cheio de gratidão.

## Os Elementos do Culto Bíblico

### (Continuação)

#### Introdução

Fechando a sequência de estudos sobre os elementos do culto bíblico descritos na Confissão de Fé de Westminster, ressaltamos os seguintes elementos no Capítulo XXI, parágrafo V:

A leitura das Escrituras, com santo temor (At 15.21; 17.11; Ap 1.3); a sã pregação (2Tm 4.2) da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência (Tg 1.22; At 10.33; Hb 4.2; Mt 13.19; Is 66.2); o cântico de salmos, com gratidão no coração (Cl 3.16; Ef 5.19; Tg 5.13); bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo são partes do culto comum oferecido a Deus (Mt 28.19; At 2.42; 1Co 11.23-29), além dos juramentos religiosos (Dt 6.13), votos (Sl 116.14; Is 19.21; Ne 10.29), jejuns solenes (Jl 2.12; Mt 9.15; 1Co 7.5; Ef 4.16) e ações de graça em ocasiões especiais (Sl 107), os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso (Jo 4.24; Hb 10.22).

#### 6. Juramentos e votos religiosos

Estamos sempre às voltas com juramentos e votos em nossos cultos. No Capítulo XXII, no parágrafo I:

**O juramento legal é uma parte do culto religioso** (Dt 10.20) em que o crente, em ocasiões próprias e com toda a solenidade, chama a Deus por testemunha do que assevera ou promete; pelo juramento ele invoca a Deus a fim de ser julgado por ele, segundo a verdade ou a falsidade do que jura (2Co 1.23; 2Cr 6.22,23).

E nos parágrafos V e VI sobre o voto ela diz:

**O voto é da mesma natureza que o juramento promissório;** deve ser feito com o mesmo cuidado religioso e cumprido com igual fidelidade (Ec 5.4-6; Sl 66.13,14; Sl 61.8; Dt 23.21,23).

**O voto não deve ser feito a criatura alguma, mas só a Deus** (Sl 76.11); para que seja aceitável, deve ser feito voluntariamente, com fé e consciência de dever, em reconhecimento de misericórdias recebidas ou para obter o que desejamos. Pelo voto obrigamo-nos mais restritamente aos deveres necessários ou a outras coisas, até onde ou quando elas conduzirem a esses deveres (Sl 50.14; Gn 28.20-22).

Tanto o juramento quanto o voto devem ser cuidadosamente feitos, e isso quer dizer com reverência diante de Deus e em ocasiões próprias e destinadas para a honra de Deus.

##### 6.1. Ocasiões em que fazemos juramentos e votos

As ocasiões em que fazemos juramentos e votos e estes estão relacionados ao culto a Deus são:

- ✓ Batismos: tanto no batismo de nossas crianças quanto no dos adultos convertidos;
- ✓ Pública Profissão de Fé;
- ✓ Casamentos;
- ✓ Ordenação aos ministérios de diácono, presbítero e pastor.

Nessas ocasiões fazemos juramentos e empenhamos nossa palavra. Fazer tais juramentos e votos fora do ambiente de culto é uma ação sem qualquer sentido. É isso que quer dizer “ocasiões próprias e com toda a solenidade”.

## 6.2. O nosso procedimento quanto aos juramentos e votos

Tal atitude deve ser vista com máxima solenidade, pois, é um ato de culto a Deus. Ele é evocado como a **principal testemunha**. Aliás, Ele é a única testemunha que vê plenamente as intenções do nosso coração e sabe até que ponto somos sinceros, como prescreve a Confissão de Fé quando diz: “...pelo juramento ele invoca a Deus a fim de ser julgado por ele, segundo a verdade ou a falsidade do que jura...”.

O voto não é inferior ao juramento; ambos têm o mesmo valor aos olhos de Deus. Assim como no juramento, Deus é evocado também no voto, e, somente Ele dá o peso, a honra e a seriedade nas palavras proferidas num voto: “O voto não deve ser feito a criatura alguma, mas só a Deus (Sl 76.11)”. 15

A voluntariedade é outro ingrediente indispensável no voto, mas não é a única: “...para que seja aceitável, deve ser feito voluntariamente, com fé e consciência de dever...”. Tanto a **voluntariedade**, quanto a **fé** e a **consciência** devem estar presentes “...em reconhecimento de misericórdias recebidas ou para obter o que desejamos”. Aqui é importante ressaltarmos que “obter o que desejamos” não quer dizer que Deus dará tudo o que queremos. O voto não é uma forma de forçar Deus a nos responder. Um coração cheio de voluntariedade, fé e consciência das misericórdias de Deus buscará sempre saber qual é a vontade de Deus para sua vida, e não a sua própria vontade. **O voto é uma forma de forçar o nosso coração é fazer a vontade de Deus**: “Pelo voto obrigamo-nos mais restritamente aos deveres necessários ou a outras coisas, até onde ou quando elas conduzirem a esses deveres”.

## 6.3. Os jejuns solemnes

Um estudo minucioso do Antigo e do Novo Testamento nos mostrará que o jejum sempre teve como **ensinamento principal o arrependimento**. É certo que encontramos na Bíblia pessoas jejuando por outros motivos, como nos mostra o caso do Senhor Jesus que orientou Seus discípulos a jejuarem depois que Ele não estivesse mais com eles, pois, nessa ocasião eles deveriam jejuar em face das muitas lutas que teriam (Mt 9.15). Aqui o sentido do jejum é de **fortalecimento espiritual**. Em parte alguma da Bíblia, somos ensinados que o jejum é uma automutilação a fim de fazer Deus realizar o que queremos para nossa vangloria. Aliás, em Is 58, encontramos uma repreensão muito severa de Deus a esse tipo de jejum.

Podemos (e devemos) jejuar desde que seja para mostrarmos o nosso sincero arrependimento a Deus e para que isso sirva de testemunho aos pecadores, pois, se os filhos de Deus que foram lavados e redimidos no Sangue de Cristo admitem seus pecados, muito mais o deveriam os pecadores!

## 6.4. Ações de graça

A gratidão é um dos elementos mais importantes da vida cristã, e lamentavelmente, um dos mais negligenciados, especialmente nessa época em que o lema é “exija seus direitos”, falar de gratidão é quase uma ofensa, afinal, se Deus colocou você neste mundo, Ele que dê um jeito de lhe dar tudo o que você precisa, dizem os estúpidos e arrogantes.

**É a ação de graça que nos faz humildes diante de Deus, pois, quanto mais agradecemos a Ele, mais vemos que não foi por merecimento algum que fomos abençoados. Quanto mais agradecemos a Deus, mais, aprendemos a amá-Lo sinceramente. Quanto mais agradecidos somos, mais crescemos em maturidade e santidade de vida.**

Mas, observe que gratidão não é um **sentimento**, mas, sim, **ação**. O nome dado é “**ações de graça**” e não “**sentimentos de gratidão**”. A ação de graça é uma atitude, uma obra que realizamos tendo como centro das nossas atenções o próprio Deus. Em vez de ficar esperando ter vontade de agradecer a Deus, comece a agradecê-Lo agora. Assim você vencerá o pecado da murmuração, e constatará em seu coração o amor por Deus crescer a cada dia.

Podemos (e devemos) celebrar cultos a Deus agradecendo por bênçãos recebidas. Contudo, a maior bênção que recebemos foi Cristo Jesus, e somente essa bênção é suficiente para louvarmos a Deus e agradecer-Lhe por toda a eternidade.

### Conclusão

Encerrando essa parte dos nossos estudos sobre Teologia do Culto, na qual vimos os elementos do culto bíblico, destacamos a frase final do parágrafo V do Capítulo XXI: *“os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso”*. Tudo tem seu tempo, mas, sempre é tempo de sermos gratos a Deus e reverentes em Sua presença, e isso não somente em Sua Casa, mas, em todo lugar. Isso veremos no próximo estudo.

## O Lugar (Con)Sagrado Para a Adoração a Deus

### O Elemento Essencial do Culto Cristão

#### Introdução

Na sequência dos nossos estudos sobre Teologia do Culto, um assunto muito importante que não pode ser deixado de lado ou visto como algo de menor importância é **o lugar em que ocorre a adoração a Deus**.

A Confissão de Fé de Westminster também se pronuncia sobre esse tema, e, como temos feito até aqui, pautaremos nossos argumentos sobre o que ela prescreve o que está em pleno acordo com as Escrituras Sagradas.

#### 7. O lugar (con)sagrado para a adoração a Deus

No Capítulo XXI, parágrafo VI, ela diz:

Agora, sob o Evangelho, nem a oração, nem qualquer outro ato do culto religioso é restrito a certo lugar, nem se torna mais aceitável por causa do lugar em que se ofereça ou para o qual se dirija (Jo 4.21); mas Deus deve ser adorado em todo lugar (Ml 1.11; 1Tm 2.8), em Espírito e em verdade (Jo 4.23,24), tanto em família (Dt 6.7; Jó 1.5; At 10.2), diariamente (Mt 6.11; Js 24.15), e em secreto, estando cada um sozinho (Mt 6.6; Ef 6.16), como também, mais solenemente, em assembleias públicas, que não devem ser descuidadas, nem voluntariamente negligenciadas ou desprezadas, sempre que Deus, pela sua providência, proporcione ocasião (Is 56.7; Hb 10.25; At 2.42; Lc 4.16; At 13.42).

Para compreendermos melhor o que nos diz a Confissão de Fé de Westminster aqui, precisamos acompanhar o assunto desde o Antigo Testamento até chegarmos no Novo Testamento.

##### 7.1. Lugares sagrados no Antigo Testamento

Cultuar num lugar tido como “sagrado” é uma atividade humana das mais antigas. O Antigo Testamento está repleto de passagens em que as pessoas consagravam a Deus (ou aos deuses, no caso dos povos pagãos), lugares para adorá-Lo. Qualquer lugar onde acontecesse alguma manifestação de Deus a um servo ou ao povo Dele, aquele lugar se tornava “sagrado”. Por exemplo: em Gn 28.10-22 encontramos Jacó fugindo de Esaú seu irmão. Ao pernoitar num lugar chamado Luz, Jacó teve a maravilhosa visão da escada que ligava a terra ao céu pela qual desciam os anjos do Senhor. Àquele lugar Jacó deu o nome de Betel que quer dizer: “Casa de Deus”. Naquele lugar ele levantou uma coluna para servir como símbolo da Aliança que Deus fizera com ele. Àquele lugar passou a ser considerado “sagrado” pelos seus descendentes.

Se fôssemos ver todos esses lugares fugiríamos muito do nosso propósito aqui e nem teríamos tempo para isso. Destacaremos aqui o principal lugar de adoração a Deus para o povo hebreu: **o Monte Sião**, onde está a cidade de Jerusalém, na qual foi construído o magnífico Templo do Senhor no reinado de Salomão. Este exemplo é o suficiente para nos mostrar como o homem distorce os propósitos de Deus.

**Qual era o objetivo de Deus em concentrar o Seu culto em Jerusalém, especialmente, no Templo?** Essa pergunta é muito importante, pois, nos mostra que Deus tinha um propósito muito específico quando permitiu que um Templo fosse levantado para o Seu culto.

Como já afirmamos, no Antigo Testamento era muito comum qualquer lugar ser consagrado a Deus desde que algo importante tivesse acontecido. O que a princípio foi algo bonito tornou-se um sério problema. **Uma libertinagem com relação ao culto a Deus alastrou-se como praga**. Cada um servia a Deus como queria. Um exemplo disso está registrado em Jz 21.25: “Naqueles

dias, não havia rei em Israel; cada um fazia o que achava mais reto”. Sem direção as pessoas se perderam e se extraviaram. Ao concentrar em Jerusalém e no Seu Templo o culto, Deus estava educando o povo. **Estabelecendo um lugar para adoração, Deus estava direcionando o povo a adorá-Lo conforme Seus preceitos e vontade.**

Deus sempre deixou claro que o culto em Jerusalém não era por causa do lugar em si, mas, sim, para disciplinar o povo na forma correta como Ele queria ser adorado. Veja os textos:

**Is 56.6-7:** <sup>6</sup> Aos estrangeiros que se chegam ao SENHOR, para o servirem e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, sim, todos os que guardam o sábado, não o profanando, e abraçam a minha aliança, <sup>7</sup> também os levarei ao meu santo monte e os alegrarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos.

**Sl 48.1-2:** <sup>1</sup> Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado, na cidade do nosso Deus. <sup>2</sup> Seu santo monte, belo e sobranceiro, é a alegria de toda a terra; o monte Sião, para os lados do Norte, a cidade do grande Rei.

Assim, o Templo teve uma **função didática: ensinar as pessoas a adorarem a Deus**. Da mesma forma devemos hoje olhar para o templo em que nos reunimos para adorar o Senhor. Voltaremos nesse ponto mais a diante.

## 7.2. Lugares sagrados no Novo Testamento

A Confissão de Fé diz: “*Agora, sob o Evangelho, nem a oração, nem qualquer outro ato do culto religioso é restrito a certo lugar, nem se torna mais aceitável por causa do lugar em que se ofereça ou para o qual se dirija (Jo 4.21)...*”.

O Texto de Jo 4.21 referido pela Confissão de Fé é muito expressivo. Ele relata o diálogo da mulher samaritana com o Senhor Jesus. Quando ela lhe perguntou sobre o lugar correto para a adoração a Deus, o monte Gerizim (Samaria) ou o monte Sião (Jerusalém)? Desde o cativeiro assírio, os judeus que habitavam a região da Samaria passaram a ser vistos pelos judeus do Sul como impuros e imundos por serem “judeus mestiços”, os assírios adotavam a tática de miscigenar os povos a fim de destruírem qualquer sentimento de nacionalismo e patriotismo, dessa forma os samaritanos eram judeus que se misturaram racialmente com outros povos e tiveram o culto a Deus vituperado. Por isso, os judeus do Sul (Judá que tinha por capital a cidade de Jerusalém) os viam com desprezo. Por causa disso, os samaritanos acabaram criando seu próprio sistema de culto, designaram o Monte Gerizim para cultuarem a Deus (do jeito deles, é claro), e ali construíram um templo que foi destruído em 130 a.C. Mas, havia uma disputa pendente: os judeus diziam que era em Jerusalém, no Monte Sião, e os samaritanos diziam que era em Samaria, no monte Gerizim que Deus deveria ser adorado. Daí a pergunta da mulher a Jesus.

A resposta do Senhor Jesus não foi somente surpreendente, foi também esclarecedora: “Deus é espírito: e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (v.24), ou seja, Deus é espírito e, por isso, não está limitado ao espaço físico (At 17.24), e o que **importa, o que conta, o que é necessário** para que a adoração a Ele seja do jeito que O agrada é que seja “em espírito e em verdade”, e é justamente isso que a Confissão de Fé diz: “...mas Deus deve ser adorado em todo lugar (Ml 1.11; 1Tm 2.8), em Espírito e em verdade (Jo 4.23,24)”.

O crente deve adorar a Deus “**em espírito**” o que quer dizer que não há necessidade de um lugar, um espaço tido como sagrado para adorarmos a Deus. Podemos e devemos adorá-Lo em espírito, ou seja, **a verdadeira adoração a Deus é a que ocorre no coração da pessoa conforme as normas que Deus estabeleceu para o Seu culto**. É o culto sincero, mas, só sinceridade não basta. Ela é o elemento inicial da adoração, mas, não é o essencial. O elemento essencial da adoração a Deus é “**em verdade**”.

Mas o que Cristo quis dizer com “**em verdade**”? Os v.21, 23 nos dão a resposta juntamente com Jo 14.6. Primeiramente, Jesus disse: “Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai”. Aqui Ele destruiu a ideia de “lugares sagrados”. Ele então continuou: “Mas vem a hora e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores” (v.23). Note que Jesus disse no v.21 que a hora viria, e, agora no v.23 Ele disse que “vem a hora e já chegou”, ou seja, Ele atrelou esse momento à Sua própria Pessoa. **Quando lemos Jo 14.6 vemos que Jesus é o “caminho, a verdade e a vida” e em Jo 17.17 vemos que a verdade é a Palavra de Deus.** Adorar ao Pai “**em verdade**” significa adorá-Lo por meio de Jesus, e isso quer dizer que devemos aproximar de Deus em adoração confiados somente em Jesus e não em nossas obras de justiça, crermos que somente por meio do sacrifício de Jesus somos aceitos por Deus e, por conseguinte, a nossa adoração também é aceita, porque não é uma tentativa humana de agradar a Deus, mas, sim, o reconhecimento de que somente por Jesus é que adoramos a Deus como Ele quer ser adorado. É assim que a Palavra de Deus nos revela a verdadeira adoração.

Isso me faz pensar muito nos tais cultos contemporâneos que buscam desenfreadamente novidades e invencionices humanas para serem acrescentadas ao culto a Deus, sob a alegação de que “Deus é criativo, e, portanto, nós também devemos ser criativos no Seu culto”. Não questiono a sinceridade dessas pessoas, e nem mesmo os objetivos delas. O que eu questiono são os métodos delas que acabam sendo uma tentativa tosca de substituir o insubstituível: o Sacrifício de Jesus – **elemento essencial do culto a Deus.**

Espero que a essa altura você já tenha captado o que quisemos dizer com o subtítulo desse estudo: **o lugar sagrado da adoração a Deus é o coração do adorador**, daí termos dito “o lugar (con)sagrado para a adoração a Deus”. E a maneira correta de adorarmos a Deus não é inventando novas maneiras, mas, sim, confiarmos somente no sacrifício de Jesus e obedecer ao que prescreve a Palavra de Deus.

### 7.3. Por que então construir templos?

**Os templos são na verdade, uma boa propaganda da Igreja de Cristo.** Se você quer comprar uma roupa, você sairá à procura de uma loja. Se você precisar de um remédio sairá em busca de uma farmácia. Se o seu coração estiver aflito e você estiver precisando de ajuda e direção para seu coração você procurará uma Igreja. Apesar de em nossos dias qualquer galpão possa se transformar num templo, mas, mesmo assim, ele servirá como uma “propaganda” dizendo: “aqui está reunido um povo que adora a Deus”. **Se conferirmos ao templo um significado maior que esse, fatalmente estaremos caindo numa atitude idólatra.**

Os templos são nada mais nada menos que um lugar onde conseguimos ajuntar um número maior de pessoas com o propósito de adorarmos a Deus, coisa que é impossível fazermos na maioria das nossas casas que cabem pouco mais de uma dezena de pessoas confortavelmente. **O templo é só um recurso para facilitar a agenda da Igreja.**

### 7.4. Cuidado com os extremos!

A princípio você deve estar se perguntando: “Então, se o templo não é mais um lugar sagrado podemos fazer o que bem quisermos aqui dentro?”. Com certeza, não!

Não é o lugar e nem mesmos nós que tornamos esse lugar sagrado e digno de respeito, mas, sim, Aquele a quem adoramos. **Se é um erro gravíssimo conferirmos ao templo o *status* de sagrado, igualmente, gravíssimo é o outro extremo, a saber, a falta de reverência dentro do templo na hora do culto.**

Há algum tempo, se alguém quisesse um local de tranquilidade para meditar na Palavra de Deus, os templos eram os lugares convidativos para isso. Hoje, o excesso de barulho dentro dos

mesmos, faz com que eles sejam próprios para o extravasamento e a irreverência. Vivemos uma época em que valores importantes têm sido negligenciados, tais como a reverência.

Peter Masters, em seu livro “Louvor em Crise”<sup>12</sup> diz:

Reverência, respeito e deferência é exatamente o que devemos ao eterno Filho de Deus, o Senhor da Glória. **Esta expressão deve ser vista, primeira e principalmente no louvor; e, se não for vista ali, tampouco o será em outras áreas da vida cristã.** A adoração que é deficiente em reverência logo conduz a uma vida cristã superficial em comprometimento, seriedade, profundidade e santidade. **Reverência no louvor é fundamental para os crentes e deve ser firmemente mantida.**

20

É justamente isso que a Confissão de Fé diz:

“...tanto em família (Dt 6.7; Jó 1.5; At 10.2), diariamente (Mt 6.11; Js 24.15), e em secreto, estando cada um sozinho (Mt 6.6; Ef 6.16), como também, mais solenemente, em assembleias públicas...”

**A verdadeira adoração está presente em todas as áreas da nossa vida: na família, no cotidiano, em secreto e no culto público (assembleias solenes).** Como o foco do nosso estudo aqui é o culto no templo, falaremos somente sobre a adoração realizada no culto comunitário aqui no templo.

Falando sobre as assembleias solenes (cultos comunitários) a Confissão de Fé diz: “**que não devem ser descuidadas, nem voluntariamente negligenciadas ou desprezadas, sempre que Deus, pela sua providência, proporcione ocasião (Is 56.7; Hb 10.25; At 2.42; Lc 4.16; At 13.42)**”. Temos aqui uma exortação muito séria com relação à nossa responsabilidade de participar dos cultos.

Não devemos descuidar, nem voluntariamente negligenciar ou desprezar esse momento especial preparado por Deus para rendermos a Ele toda a nossa adoração. Mas, porque tem havido tanta negligência? Cremos que isso se deve pelo egocentrismo e uma visão totalmente voltada para o homem que tem crescido dia a dia em nossas igrejas. Antigamente, as pessoas entendiam que culto era um “**serviço religioso**” (um dos significados para “liturgia”). Era um serviço prestado a Deus; Ele era o foco; Ele era o centro das atenções e devoções. Hoje, com uma cultura hedonista totalmente voltada para a satisfação do homem, ir ao culto tem de ser algo que dê prazer. Se alguma coisa não sai do gosto da pessoa então, abre-se o espaço para a negligência com um discurso bonito: “Se for para ir à igreja sem ter vontade, não vou, porque ir sem ter vontade é hipocrisia”. Lamentavelmente, quem pensa assim não percebe que não é pecado fazer algo que é certo ainda que não exista vontade de fazê-lo, mas, deixar de fazer o que é certo é pecado de negligência e desobediência.

Muitos crentes têm deixado de vir à Casa do Senhor adorá-Lo dizendo que não precisam da Igreja para ser crentes, e que podem muito bem serem crentes em casa. Nada pode ser mais perigoso do que este pensamento. Em 1Jo 4.20 lemos: “Se alguém disser: Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê”. Aplicando o princípio desse verso à comunhão, respondemos a esses que negligenciam a comunhão na Igreja da seguinte forma: se você não tem prazer em ter comunhão com os irmãos a quem você vê, como pode ter comunhão com Deus a quem você não vê?

Além disso, é importante lembrarmos a dura exortação que a Palavra de Deus nos traz em Hb 10.25: “**Não deixemos de congregar-nos como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais quanto vedes que o Dia se aproxima**”. **Não se iluda, se o seu prazer não está na Casa de Deus onde os irmãos se reúnem e expressam sua comunhão, você não terá uma comunhão verdadeira com Deus.**

Como dissemos, o grande problema dos nossos dias é que os crentes perderam de vista que o culto comunitário é antes de tudo, serviço religioso prestado ao Senhor Deus, e não um

<sup>12</sup> MASTERS, 2002, p.123.

momento onde busco o meu prazer em primeiro lugar. O prazer que brotará em minha alma será resultado do que Deus fará em mim enquanto eu O adoro.

## Conclusão

Sintetizando todo o pensamento desse estudo podemos dizer:

- Os lugares consagrados a Deus no Antigo Testamento, especialmente, o Templo de Jerusalém, tinham como objetivo ensinar o povo a adorar a Deus da forma como Ele queria, e não serem transformados em fetiches, como faz os pagãos e idólatras;
- Que no Novo Testamento o Senhor Jesus nos ensina que o culto em espírito é o culto que não precisa de espaços físicos, pois, o principal lugar da adoração é o coração do crente, e em verdade, porque é o culto que tem como base o Senhor Jesus Cristo, a verdade (Jo 14.6), e a Palavra de Deus que é a verdade (Jo 17.17).
- Que a reverência deve estar presente no culto realizado a Deus em todas as instâncias da nossa vida, e que no templo, ela não pode ser deixada de lado. Os templos são apenas um instrumento para acomodar os crentes a fim de renderem um culto solene ao Senhor, mas, que não devem ser idolatrados.
- Que não podemos nos descuidar do culto comunitário, pois, ele é um serviço religioso que rendemos a Deus e não ao nosso ego. Devemos fazer o que é certo ainda que não tenhamos vontade. Fazer o que é certo sem ter vontade não é hipocrisia, mas, deixar de fazê-lo é negligência.

Algumas dicas para o bom andamento do culto:

- ✓ Ajude a manter um ambiente de reverência na hora do culto. Evite conversas desnecessárias, ficar levantando para ir ao toalete ou para beber água (faça isso antes do culto).
- ✓ Desligue o celular.
- ✓ Evite atrasos. Chegando atrasado você perde o que já se passou e ainda atrapalha quem chegou na hora certa.
- ✓ Colabore com os pais de crianças pequenas (crianças de colo). Criança não atrapalha o culto. Quem atrapalha são os adultos que além de não cuidarem das crianças, se comportam como tais.
- ✓ Mantenha a reverência durante o culto. Ela diz muito sobre a sua intenção em adorar a Deus.

## O Dia do Senhor

### Introdução

“Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente” (Rm 14.5). Essa discussão é antiga. Nos dias do apóstolo Paulo, os crentes da Igreja da cidade de Roma estavam se atritando por questões como: qual dia deveria ser dedicado ao Senhor, ou que tipo de alimento o crente poderia ou não comer, etc. Paulo então instruiu aqueles irmãos (e essa mesma instrução é válida para nós hoje), que, cada um tome cuidado para não ser tropeço para o outro. **Quem se julga forte e maduro na fé não abuse de sua consciência livre a fim de não ser tropeço para quem se escandaliza com facilidade por ser imaturo na fé; ao passo que quem for fraco e imaturo na fé deve crescer e deixar de se escandalizar por qualquer coisa, pois, uma fé tão abalável assim é perigosa.**

O mesmo, presenciamos em nossos dias. De tempos em tempos surgem grupos no meio evangélico que afirmam que o dia que deve ser dedicado a Deus é o sábado (o 7º da semana) e não o domingo (o 1º da semana) porque essa mudança foi efetuada pelo imperador Constantino em 323 d.C., e os que guardam o domingo estão transgredindo o 4º mandamento (Êx 20.8-11). **Tal afirmação é mentirosa!**

Neste estudo veremos a importância do Dia do Senhor para a vida do crente e buscaremos as respostas para as principais perguntas em torno da polêmica desse assunto.

A Confissão de Fé de Westminster no capítulo XXI, parágrafos VII e VIII diz:

Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção de tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também, em sua Palavra, por um **preceito positivo, moral e perpétuo**, preceito que obriga a todos os homens, em todas as épocas, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado (descanso) santificado por ele (Êx 20.8-11; Is 56.2,4,6); desde o **princípio do mundo, até à ressurreição de Cristo, esse dia foi o último dia da semana; e desde a ressurreição de Cristo, foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que nas Escrituras é chamado dia do Senhor (domingo), e que há de continuar até o fim do mundo como o sábado cristão (1Co 16.1,2; At.20.7).**

Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações e de antemão ordenado os seus negócios comuns, não só guardam, **durante todo o dia um santo descanso das suas obras, palavras e pensamentos a respeito de seus empregos seculares e de suas recreações** (Êx 16.23,25,26,29,30; 31.15,16; Ne 13.15-22; Lc 23.56), **mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e de misericórdia** (Is 58.13; Mt 12.1-13).

### 8.1. O Dia do Senhor: a instituição

Ao ordenar a guarda de um dia em seis, o Senhor Deus o fez com um propósito bem específico: **o Seu culto.**

Em Êx 20.8-11 lemos: <sup>“8</sup> Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. <sup>9</sup> Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. <sup>10</sup> Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; <sup>11</sup> porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou”.

Inicialmente, o sábado (do hebraico *sabbat* que quer dizer “descanso”) era um dia em seis no qual as atividades trabalhistas da semana eram interrompidas com o propósito de dar descanso aos homens. No sétimo dia da Criação Deus descansou (Gn 2.2) não porque estivesse cansado, mas, para

instituir esse dia de descanso necessário para o homem<sup>13</sup>. Posteriormente, com a Lei Mosaica, o sábado adquiriu *status* de observância religiosa do Pacto de Deus com Seu povo.

## 8.2. Um preceito e não um legalismo

Legalistas (pessoas que se prendem à letra da Lei interpretando-a literalmente) têm deturpado aquilo que é um preceito Divino. O Senhor Jesus foi taxativamente contra o legalismo em todos os assuntos, especialmente, no que dizia respeito ao sábado. Os legalistas dos tempos de Jesus viviam implicando com o povo porque este não observava os rituais que eles (os fariseus) haviam introduzido no culto a Deus. Textos como Mt 12.1-14 e Mc 2.23-28 nos mostram que **o Senhor Jesus não aboliu a guarda do sábado, mas, sim, a hipocrisia daqueles que guardavam o sábado com atitude legalista e deixavam de lado o preceito de Deus.**

Quando falamos de “preceito” estamos ressaltando que cada um ao separar o primeiro dia da semana para Deus, o faça da maneira que Deus quer, a saber, um dia dedicado a Deus, onde o nosso coração descanse em Deus, e Nele se deleite.

A controvérsia que os sabatistas levantam dizendo que o dia certo para observarmos como o Dia do Senhor é o sábado e não o domingo, e que os que guardam o domingo estão em pecado e quebrando a aliança do Senhor, não fica em pé diante do seguinte raciocínio: tudo o que é considerado pecado no Antigo Testamento, também o é no Novo Testamento. Por exemplo: em Js 7 lemos sobre a mentira de Acã e a punição divina que ele recebeu por ter mentido – ele foi morto por ordem de Deus. Em At 5, o casal Ananias e Safira também foram punidos por Deus com a morte porque mentiram. Podemos encontrar outros exemplos de pecados que foram punidos por Deus tanto no Antigo como no Novo Testamento. Agora, se aplicarmos essa mesma regra ao Dia do Senhor, constataremos que no Novo Testamento, os apóstolos e os primeiros cristãos guardaram o domingo e não o sábado como o Dia do Senhor (At 20.7; 1Co 16.2), no qual eles se reuniam para adorar a Deus e prestar-lhe culto. Se eles tivessem cometido o pecado de não guardar o Dia do Senhor, o que no Antigo Testamento era pecado e Deus puniu o povo pela quebra desse mandamento, por que, então, Ele não puniu os apóstolos e os primeiros cristãos por fazerem essa mudança? **A conclusão que chegamos é que guardarmos o Domingo como o “Dia do Senhor” não é pecado e nem mesmo quebra da Lei de Deus.**

Sabatistas que nos importunam dizendo que estamos quebrando a Lei precisam tomar cuidado com tais afirmações, pois, seriam eles melhores do que os primeiros cristãos e os apóstolos que passaram a guardar o domingo como sendo “o Dia do Senhor” em vez do sábado?

## 8.3. Por que então guardamos o domingo?

A palavra “sábado” significa “descanso”, e era guardado porque apontava para o fim da Criação. **Ao guardarmos o domingo (do lat. *Dies Dominica*, “Dia do Senhor”), o fazemos em relação ao dia em que Jesus ressuscitou, o primeiro dia da semana (Jo 20.1,19), com o sentido de que, assim como o sábado está relacionado à primeira Criação, o domingo está relacionado à Nova Criação em Cristo.**

Comentando esse assunto, Russel Champlin diz<sup>14</sup>:

Os romanos dedicaram o **primeiro dia** da semana à adoração do sol. Consequentemente, este dia foi chamado de o *dia do sol*. Em inglês, o nome do dia, *Sunday*, retém este uso. Cristo foi o *Sol da Retidão*, e substituiu o sol físico quando o primeiro dia da semana começou a comemorar sua ressurreição. O português *domingo* vem do lat. *dies dominica* (dia do Senhor), e nesta linguagem, a transição histórica do sol para o Sol é evidente. Ver Ml 4.2. O sol físico sustenta a vida física. O Sol espiritual sustenta a vida espiritual. Não estou impressionado com argumentos contra o domingo, como um dia religioso especial para os cristãos, que fazem caso do fato de que,

<sup>13</sup> Estudos revelam que quando não existe um intervalo para descanso semanal, o rendimento na produção cai, e as pessoas estão mais facilmente sujeitas às doenças decorrentes do cansaço e fadiga.

<sup>14</sup> CHAMPLIN, 2006, vol.2, p.213.

originalmente, o primeiro dia da semana era uma comemoração pagã. Cristo mudou tudo isto, e porque não?

Essa controvérsia não é o foco do nosso estudo aqui. Existem bons livros e farto material que poderá ajudá-lo nessa questão. Apenas ressaltamos que não há pecado algum em não guardarmos o sábado e sim o domingo como o Dia do Senhor. As palavras da Confissão de Fé devem ser relembradas aqui: *“desde o princípio do mundo, até à ressurreição de Cristo, esse dia foi o último dia da semana; e desde a ressurreição de Cristo, foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que nas Escrituras é chamado dia do Senhor (domingo), e que há de continuar até o fim do mundo como o sábado cristão (1Co 16.1,2; At.20.7)”.*

24

#### 8.4. O descanso e o culto no Dia do Senhor

Especialmente, para efeito do nosso estudo, o parágrafo VIII do capítulo XXI da Confissão de Fé é muito importante:

Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações e de antemão ordenado os seus negócios comuns, **não só guardam, durante todo o dia um santo descanso das suas obras, palavras e pensamentos a respeito de seus empregos seculares e de suas recreações** (Êx 16.23,25,26,29,30; 31.15,16; Ne 13.15-22; Lc 23.56), **mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e de misericórdia** (Is 58.13; Mt 12.1-13).

Assim destacamos que a guarda do Dia do Senhor:

- **É um ato de sinceridade:** *“Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações...”*. Como vimos nos estudos anteriores, o culto verdadeiro é aquele expresso **“em espírito e em verdade”**. Devemos preparar nossos corações para esse Dia tão especial. Deleitarmos no Dia do Senhor é uma maneira de mostrarmos nosso deleite no próprio Deus. Veja Is 58. 13 e 14: <sup>13</sup>...e chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, <sup>14</sup>então, te deleitarás no SENHOR. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do SENHOR o disse”. **O respeito que mostramos com o Dia do Senhor diz muito do respeito que temos com o próprio Deus.**
- **É o resultado de uma vida organizada:** *“e de antemão ordenado os seus negócios comuns”*. Devemos nos preparar durante a semana esperando por esse dia maravilhoso. Reclamamos de falta de tempo. Contudo, o mais milionário dos homens e o mais miserável recebem a mesma quantia de tempo diário. Se não administrarmos bem o nosso tempo, fatalmente deixaremos para o domingo coisas que deveriam ser deixadas de lado. **Dessa forma estamos quebrando o preceito do mandamento do Senhor!**
- **É um ato devocional:** *“não só guardam, durante todo o dia um santo descanso das suas obras, palavras e pensamentos a respeito de seus empregos seculares e de suas recreações* (Ex 16.23,25,26,29,30; 31.15,16; Ne 13.15-22; Lc 23.56). No domingo devemos deixar de lado não só as atividades semanais como o nosso trabalho e estudos, mas, também devemos tomar muito cuidado para não o usarmos para o nosso bel prazer com recreações, passeios, dormindo até tarde e assim negligenciarmos o culto na Casa do Senhor. Muitos dizem que precisam descansar e que a Igreja os sobrecarrega com atividades no domingo, e, por isso, não encontram tempo para a família e para si mesmos. Por esta razão usam o domingo em seus passeios, descanso (geralmente na frente de uma televisão) e menosprezam as bênçãos de Deus reservadas para Seus filhos. **Deus nos dá seis dias para cuidarmos dos nossos interesses e requer de nós apenas um dia somente.**

➤ É um dia para mostrarmos amor ao próximo: “mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e de misericórdia (Is 58.13; Mt 12.1-13)”. Devemos nos deleitar no domingo como um dia em que podemos visitar pessoas que estão padecendo alguma enfermidade ou necessidade. Infelizmente, o egoísmo e o hedonismo de nossos dias têm desviado o coração de muitos crentes desse aspecto da vida cristã: misericórdia e socorro.

### Conclusão

Por fim destacamos que assim como em todas as áreas da vida cristã não devemos esperar sentir vontade para guardar (observar) o Dia do Senhor. Antes, devemos obedecer guardando esse dia. Como sempre temos afirmado, a semente do amor nasce e germina no terreno do compromisso e obediência.

Uma semana cujo domingo foi destinado para a glória de Deus e é negligenciado por nós não rende, se arrasta, nos esgota. A razão pela qual vivemos dias tão sobrecarregados é porque temos deixado de descansar em Deus e no Seu dia. O Dia do Senhor é para o nosso bem; em guardá-lo há grande alegria e bênção para todos nós.

## Dízimos e Ofertas: Um Ato de Louvor e Adoração

### Introdução

Nessa série de estudos sobre o culto bíblico, não poderíamos deixar de fora os dízimos e as ofertas. Desde os tempos do Antigo Testamento, o culto a Deus incluía dízimos e ofertas. Lamentavelmente, esse assunto tem sido distorcido e manipulado por muitos, que na linguagem do apóstolo Paulo, estão “mercadejando a Palavra” (2Co 2.17), e, por isso mesmo, deve ser devidamente estudado e praticado bíblicamente.

No parágrafo V do capítulo XXI da Confissão de Fé de Westminster, lemos:

A leitura das Escrituras, com santo temor (At 15.21; 17.11; Ap.1.3); a sã pregação (2Tm 4.2) da Palavra e a consciente atenção a ela, em obediência a Deus, com entendimento, fé e reverência (Tg 1.22; At 10.33; Hb 4.2; Mt 13.19; Is 66.2); o cântico de salmos, com gratidão no coração (Cl 3.16; Ef 5.19; Tg 5.13); bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo são partes do culto comum oferecido a Deus (Mt 28.19; At 2.42; 1Co 11.23-29), além dos juramentos religiosos (Dt 6.13), votos (Sl 116.14; Is 19.21; Ne 10.29), jejuns solenes (Jl 2.12; Mt 9.15; 1Co 7.5; Ef 4.16) e ações de graça em ocasiões especiais (Sl 107), os quais, em seus vários tempos e ocasiões próprias, devem ser usados de um modo santo e religioso (Jo 4.24; Hb 10.22).

### 9.1. Definindo os termos

O dízimo (ou os dízimos, ou ainda, dízimas) constitui a décima parte das rendas de um servo de Deus o qual ele não dá, e muito menos paga a Deus ou à Igreja, mas, sim **devolve a Deus como um ato de gratidão pelo sustento recebido das mãos de Deus**. Não é um ato voluntário, mas, sim, **um dever do crente**, e não cumpri-lo é roubar de Deus (Ml 3.8).

**As ofertas por sua vez, são um ato voluntário.** Nos tempos da Lei Mosaica havia normas estipuladas por Deus para os vários tipos de oferta. O livro de Levítico trata com detalhes das várias ofertas que Deus estipulou para o povo de Israel. Via de regra as ofertas são voluntárias, e hoje, assim como os dízimos, são regidas pela Lei da Graça. Voltaremos nesse ponto mais a frente.

### 9.2. A Instituição dos Dízimos e Ofertas

É comum ouvirmos daqueles que têm dificuldade com o assunto alegarem que o dízimo é do “período da Lei”, e, como estamos no “período da Graça”, então ele é obsoleto. Tal afirmação além de ser equivocada é também uma alegação sem qualquer respaldo bíblico.

O dízimo foi formalmente instituído na Lei Mosaica, porém, ele era praticado desde os tempos dos patriarcas.

- **Abraão entregou o dízimo ao SENHOR** (Gn 14.20), e isso, voluntariamente;
- **Jacó prometeu entregar a Deus** o dízimo de todas as suas rendas se Deus o abençoasse em sua jornada (Gn 28.22).

Ao que tudo indica nesse período os dízimos não faziam formalmente parte do culto a Deus, o que não quer dizer que não eram um ato de adoração e gratidão.

Porém, foi nos tempos de Moisés, quando Deus deu Sua Lei ao povo de Israel que os dízimos foram institucionalizados. Em Lv 27.30-34 temos a instituição dos dízimos. Comentando esse texto, John Davis, em seu “Dicionário da Bíblia”, diz<sup>15</sup>:

A lei mosaica mandava separar o dízimo dos frutos e dos gados para o Senhor (...). Não era obrigatório pagar em espécie o dízimo dos grãos e dos frutos. Poderiam ser remidos, pagando mais um quinto do seu valor no mercado (v.31). Mas os dízimos do gado e dos rebanhos não podiam ser remidos. De todos os dízimos das vacas, ovelhas e cabras, que passavam debaixo do cajado do

<sup>15</sup> DAVIS, 1990, p.164.

pastor, seria consagrado ao Senhor. Não se escolhia bom nem mau, nem se trocava por outro, nem se podia remir (v.32,33). O dízimo dos grãos contava-se depois de limpos na eira; os dízimos das vinhas contavam-se depois de espremidas no lagar e dos olivais, depois de convertidos em azeite (Nm 18.27).

### 9.3. A finalidade dos dízimos e das ofertas

Quando os filhos de Israel tomaram posse da Terra Prometida, Canaã, o SENHOR Deus deu a cada tribo uma porção de terra, onde elas se instalaram. Todas as tribos de Israel receberam possessão de terras, somente a tribo de Levi que não recebeu uma nenhuma parte. Da tribo de Levi Deus disse: **“Pelo que Levi não tem parte nem herança com seus irmãos; o SENHOR é a sua herança, como o SENHOR, teu Deus, lhe tem prometido”** (Dt 10.9). Eles receberam cidades espalhadas entre as tribos. Em Nm 35.1-8, vemos que eles tinham até terras em torno dessas cidades para criarem seu gado. Mas, eles não receberam um território como as demais tribos receberam.

Deus tinha um propósito muito belo com isso:

- Mostrar ao povo que o maior bem de um homem é o seu relacionamento com Deus; **o quanto antes o crente entender que ele é apenas um mordomo de Deus em relação aos bens materiais, tanto mais feliz ele será pois, entenderá que seu maior bem é Deus.**
- Os levitas, que eram uma tribo de servidores do tabernáculo e de sacerdotes, eram os responsáveis por ensinar o povo a forma correta de adorar a Deus. Se eles morassem numa única tribo, fatalmente, o culto a Deus seria comprometido. Foi assim então que Deus os espalhou por todas as tribos. Temos aqui uma analogia à Igreja de Cristo. Os crentes não moram numa “vila cristã”, mas, sim, estão espalhados por toda cidade a fim de serem luz em todos os lugares.

Diferentemente, das outras tribos que podiam trabalhar cultivando a terra e criando gado, os levitas não tinham outra ocupação senão cuidar do culto a Deus, e por esta razão, eles não lavravam a terra. Por conseguinte, não tinham como prover sustento para si mesmos. Foi então que Deus determinou que cada israelita deveria comparecer ao Seu santuário para adorá-lo, trazendo os dízimos e ofertas, os quais eram empregados especialmente para a manutenção dos levitas, órfãos, viúvas e estrangeiros (Nm 18.21-32; Mt 3.10).

### 9.4. O que o Novo Testamento diz sobre os dízimos e ofertas?

Como já dissemos muitos que têm dificuldade em aceitar esse ensinamento bíblico (tais pessoas não devem se esquecer que esse assunto é tão bíblico quanto as doutrinas da salvação, santificação, ressurreição, etc., portanto, o descumprimento desse ensino é pecado, é rebeldia), alegam que hoje vivemos na “Graça” (Novo Testamento) e que o dízimo pertence à Lei (Antigo Testamento), e que praticar o dízimo é um retrocesso à Lei que foi cumprida por Cristo (Mt 5.17). Mas, tal afirmação é um equívoco. O dízimo é ensinado no Novo Testamento.

Certa vez, o Senhor Jesus falando aos fariseus sobre a hipocrisia deles Ele disse: **“Mas ai de vós, fariseus! Porque dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças e desprezais a justiça e o amor de Deus; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas”** (Lc 11.42). Veja bem, o Senhor Jesus não recriminou a fidelidade deles nos dízimos, mas, sim, a infidelidade deles nos quesitos justiça e amor, tanto que Ele disse que eles deveriam continuar entregando seus dízimos, porém, também deveriam demonstrar o mesmo zelo pelo amor e justiça.

O apóstolo Paulo aplicou aos que trabalham na obra do Senhor o mesmo princípio aplicado aos levitas no Antigo Testamento, a saber, quem trabalha para a Casa de Deus, deve receber da mesma o sustento para desenvolver seu trabalho com dedicação e zelo sem ficar preocupado com seu sustento (1Co 9.13). Temos assim, o Novo Testamento ratificando a prática dos dízimos e ofertas.

É fato que no Novo Testamento as ofertas voluntárias são frequentemente relatadas, para as quais não era estipulado o valor. Vemos Barnabé vendendo um campo que possuía e entregando todo o valor aos apóstolos para que eles distribuíssem aos necessitados (At 4.36,37). Tal feito deu a Barnabé notoriedade entre os irmãos. Numa tentativa pecaminosa de conquistarem a glória para si, o casal Ananias e Safira também venderam uma propriedade, mas, mentiram sobre o valor, reservando

parte do dinheiro para si mesmos, e o restante entregaram aos apóstolos como se fosse o valor total. Ambos foram punidos com morte (At 5.1.11).

Alguém disse com muita propriedade, que se quisermos alegar que estamos no tempo da Graça e, portanto, o dízimo não deve ser praticado por ser da Lei, então devemos agir conforme a superabundante Graça de Deus, ou seja, o dízimo é um bom índice para começarmos a ofertar, ele é o “piso” e não o “teto”, é o ponto de partida, e não o limite da nossa contribuição. É a generosidade, o desprendimento e acima de tudo, nossa gratidão a Deus que deve ser o “termômetro”, a “réguia” que mede a nossa intenção em contribuir.

### 9.5. Cultuando a Deus com meus dízimos e ofertas

**Dízimo, antes de tudo, é um ato de obediência.** O crente que não é fiel na devolução dos dízimos (tanto na quantia quanto na periodicidade) está pecando contra Deus.

Muitas pessoas não entregam seus dízimos por que temem passar algum aperto financeiro. É nesse ponto que o **dízimo também é uma prova de fé**, ou seja, se eu entrego aquele valor, creio que ele não me fará falta, pois Deus me abençoará suprindo minhas necessidades.

**Ele não é um meio pelo qual fazemos barganhas com Deus.** Ele só nos abençoa por Sua infinita misericórdia, e não porque fazemos isso ou aquilo. **Sermos obedientes a Deus é o nosso dever e não um favor que prestamos a Ele (Lc 17.10).**

O dízimo que é trazido na Igreja é usado para: socorrer os necessitados, manter a obra do Senhor em outras frentes (missões, plantação de novas igrejas, etc.) e sustento daqueles que se dedicam exclusivamente ao cuidado do povo do Senhor. **Deus não precisa de dinheiro, mas, a obra Dele precisa, porque vivemos num mundo que funciona à base de dinheiro.**

Ser dizimista e ofertante é um privilégio que Deus nos concede. Podermos participar do avanço da Obra do Senhor com nossos recursos materiais é sem dúvida alguma a melhor maneira de investirmos nosso dinheiro.

Lamentavelmente, o comportamento de muitos mercenários que se valem da boa fé das pessoas, fazendo-se passar por “homens de Deus” tem desgastado muito esse assunto e colocado em descrédito aqueles que são sérios e zelosos com as coisas de Deus. Você e eu temos o privilégio de sermos membros de uma Igreja muito séria (a Igreja Presbiteriana do Brasil) que tem meios e normas para usar corretamente o dinheiro aqui arrecadado. Esse zelo existe porque há um temor por Deus no coração dos nossos líderes, os quais prestarão contas diretamente a Deus da forma como têm administrado esses recursos.

### Conclusão

Louvamos a Deus quando somos fiéis nos dízimos e nas ofertas. Mas devemos mostrar a Ele nossa gratidão, alegria e liberalidade quando contribuirmos (Rm 12.8). As palavras de 2Co 9.7 encerram esse estudo: **“Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria”.**

## Deus: o Nossa Prazer e a Razão do Nosso Culto

### Introdução

Encerrando essa série de estudos sobre Teologia do Culto abordaremos um assunto que permeou toda essa série, a saber, **Deus é o nosso prazer e a razão do nosso culto.**

Tomaremos como diretriz o que John Piper diz em seu livro: “Plena Satisfação em Deus” publicado pela Editora Fiel.

Piper aborda nesse seu livro a **questão crucial do nosso relacionamento com Deus, a saber, buscarmos em Deus o prazer e a alegria que só Ele pode nos dar.**

Nas palavras de Santo Agostinho: “Inquieto está o nosso coração enquanto não descansa em Ti”, e ainda como disse C. S. Lewis: “Se encontro em mim um desejo que nenhuma experiência deste mundo pode satisfazer, a explicação mais provável é a de que fui criado para um outro mundo”. Nas palavras de Salomão em Ec 3.11: “**Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo; também pôs a eternidade no coração do homem, sem que este possa descobrir as obras que Deus fez desde o princípio até o fim**”.

Diante dessas afirmações concluímos que toda nossa ânsia por felicidade, satisfação e alegria, só pode ser satisfeita em Deus, e buscar essa satisfação em coisas desse mundo é uma triste ilusão que nos levará a um vazio terrível, pois, como podemos ser satisfeitos com coisas tão efêmeras se o nosso coração foi criado para satisfazer-se como Eterno?

**Essa incapacidade que as coisas desse mundo têm em nos satisfazer faz parte do propósito de Deus de nos satisfazermos somente Nele.** No Sl 37.4 lemos: “**Agrada-te do SENHOR, e ele satisfará os desejos do teu coração**”, ou seja, se eu encontrar em Deus a satisfação e prazer que só Ele pode me dar, e se eu me deleitar nesse prazer que Deus me dá em Sua pessoa, então serei verdadeiramente feliz, serei plenamente satisfeito. Quando a Bíblia diz que Ele satisfará os desejos do meu coração, não está dizendo que Deus fará tudo o que eu quero, mas, sim, que em encontrar em Deus o prazer que meu coração tanto busca, aprenderei a fazer a vontade de Deus, e o meu coração quererá aquilo que Deus quer para a glória Dele e para mim.

C. S. Lewis em seu livro “Peso de glória” comentando sobre a nossa tolice e infantilidade em nos contentarmos com as coisas desse mundo em vez nos deleitarmos em Deus diz:

Na verdade, se analisarmos as audaciosas promessas de galardão e a natureza surpreendente das recompensas prometidas nos Evangelhos, parecia que nosso Senhor considera nossos desejos não muito fortes, mas muito fracos, isto sim. Somos criaturas sem entusiasmo, brincando feito bobos e inconsequentes com bebida, sexo e ambições, quando o que se nos oferece é a alegria infinita. Agimos como uma criança sem noção, que prefere continuar fazendo bolinhos de lama num cortiço porque não consegue imaginar o que significa a dádiva de um fim de semana na praia. Muito facilmente, nós nos contentamos com tão pouco (in Piper, 2009, p.27).

### 10.1. Uma verdade urgente para uma geração desorientada

Piper afirma que embora saibamos que Deus quer a nossa alegria e felicidade, infelizmente, vivemos longe dessa verdade. Há em nós uma estranha contemplação à tristeza, como se ela fosse um fim em si mesma. Há os que mutilam seus corpos na tentativa de se “purificarem”; outros se privam de qualquer forma sadia de alegria, pois, entendem que ser cristão é viver de cara fechada, com palavras pesadas, e que sorrir pode com muita facilidade ser pecado.

Os nossos dias são marcados pelo hedonismo, o qual é o culto de si mesmo – é o homem buscando tudo aquilo que lhe dá prazer, ainda que seja algo passageiro. “Ser feliz” é a palavra de ordem, ainda que essa busca pela felicidade implique em quebrar princípios bíblicos, passar por cima das pessoas, e fazer mal a si mesmo.

Essa tendência pecaminosa para o hedonismo tem invadido inclusive as igrejas, e não são poucas que adotaram a famigerada “teologia da prosperidade”, heresia essa que ensina o homem a amar mais as coisas dessa vida do que a Deus e às Suas riquezas em glória; que ensina o homem a buscar a Deus não por causa Dele, mas, por causa das bênçãos que Ele tem para nos dar, e geralmente, coisas dessa vida efêmera.

É nosso dever mostrarmos para os homens que o centro do universo é Deus e não o ser humano, e que o hedonismo é além de pecado, uma desgraça que destrói o homem.

## 10.2. Buscar a Deus por causa Dele mesmo

Devemos desejar a bênção de Deus com intensidade em nosso coração, mas, não podemos jamais deixar de buscá-las **em Deus**. Ele é a fonte de onde provêm todas as bênçãos. Ao buscarmos as bênçãos de Deus devemos buscá-las não como um fim em si mesmas, mas, sim, como uma forma de buscarmos o próprio Deus.

O grande pastor e teólogo, Jonathan Edwards disse:

Deus é glorificado não somente por Sua glória ser contemplada, mas pelo regozijar-se nela. Quando os que a veem regozijam-se, Deus é mais glorificado do que se ela for somente contemplada. Sua glória é então completamente recebida pela alma, e também pelo entendimento e pelo coração. Deus criou o mundo para que Ele pudesse comunicar a Sua glória à criatura; e para que esta possa [ser] recebida pela mente e pelo coração. **Aquele que afirma a sua ideia da glória de Deus [não] glorifica tanto a Deus quanto aquele que, além disso, também declara o seu... prazer nela.** (in Piper, 2009, p.24).

**“Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos Nele”** (PIPER, 2009, p.25). O nosso problema não está na *intensidade* com que buscamos a felicidade, mas, sim, em quem (ou no quê) temos buscado tão intensamente a felicidade. Muitos crentes buscam sua felicidade intensamente nas realizações pessoais, na família, no trabalho, no lazer, etc., coisas essas que foram deixadas por Deus para o nosso deleite não nelas mesmas, mas, sim, Nele, como Aquele em quem todas essas coisas se originam.

## 10.3. Como essa verdade se aplica à adoração?

Dois conceitos sobre a adoração que aparentemente são opostos entre si são: (1) buscarmos a Deus **somente pelas bênçãos** que Ele tem para nos dar, (2) buscarmos a Deus **como um dever** que temos de cumprir, sem esperarmos qualquer bênção da parte Dele.

Esses dois conceitos jamais deveriam ser separados um do outro e distorcidos no seu propósito. Devemos adorar a Deus **desejando sim sermos abençoados por Ele**, e assim, **nos deleitarmos em Sua Pessoa como Aquele que é o nosso galardoador** (Hb 11.6). Piper diz (PIPER, 2009, p.60):

Não é possível agradar a Deus sem buscar gratificação Nele! **Portanto, a adoração que agrada a Deus é a busca prazerosa por Deus.** Ele é a recompensa, que supera a grandeza de tudo o mais. Na Sua presença há plenitude de alegria, e à sua destra *delícias* perpetuamente. **Satisfazer-se com tudo o que Deus é para nós em Jesus é a essência da experiência de adoração autêntica.** A adoração é o banquete do prazer cristão.

Destacamos aqui três implicações da adoração na igreja:

- ✓ O verdadeiro diagnóstico da adoração fraca é quando as pessoas vêm para dar algo a Deus e não para receber Dele tudo o que precisam. Muitos pensam (e muitos pastores pregam) que o culto

verdadeiro é aquele no qual **damos** algo a Deus, e não aquele no qual **recebemos** algo de Deus. Piper diz (PIPER, 2009, p. 61):

As pessoas *devem* vir para os cultos nas igrejas para receber. Elas devem vir famintas por Deus. Elas devem vir dizendo: “Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma (Sl 42.1). **Deus é profundamente honrado quando as pessoas sabem que morrerão de fome e sede se não tiverem a Deus.** E é o meu trabalho como pastor estender um banquete para eles. Eu preciso mostrar para as pessoas, através das Escrituras, do que têm fome – Deus – e dai alimentá-las até que estejam satisfeitas. Isto é adoração”.

31

- ✓ **Encarar a essência da adoração como satisfação em Deus fará a adoração da igreja algo radicalmente centrado em Deus.** Quando entendermos que não são as coisas como dinheiro, trabalho, sexo, poder, bens materiais, etc., que nos dão a satisfação que tanto buscamos, mas, sim, Deus, então nossos cultos serão vibrantes, cheios de vida, não porque estamos fazendo algo, mas, porque estamos conscientes de que é Deus o único que pode realmente nos fazer felizes.

**Se o foco muda para o quanto oferecemos para Deus, ao invés de Ele se doar para nós, um dos resultados é que de repente não é mais Deus que permanece no centro, mas sim a qualidade do que oferecemos a Ele.** Estamos cantando de forma digna ao Senhor? Os nossos instrumentistas estão tocando com uma qualidade adequada para ofertar ao Senhor? A pregação é uma oferta apropriada ao Senhor? **Tudo isso soa nobre no início, mas aos poucos o foco muda da absoluta necessidade do próprio Deus para a qualidade de nossas realizações.** Começamos até a reduzir a excelência e poder na adoração às técnicas artísticas usadas.

Nada faz de Deus mais essencial do que a convicção bíblica que **a essência da adoração é uma satisfação profunda em Deus** que vem do coração, juntamente com a convicção de que o motivo pelo qual estamos juntos nos cultos de adoração é a busca por essa satisfação. (PIPER, 2009, p.62).

Com muita facilidade nos iludimos com nossas habilidades. Achamos que por executarmos bem as músicas, a pregação ou se tivermos um culto muito bem organizado estamos **dando o nosso melhor para Deus.** Somos plenamente a favor de um culto organizado, onde todas as partes contribuam para o crescimento de todos e acima de tudo a promoção da glória de Deus. Contudo, precisamos sempre ter em mente que **“o nosso melhor” totalmente estragado pelo pecado,** e que por isso mesmo, se houver em nós qualquer indício de satisfação com esse nosso **“melhor”** estamos insultando a Deus e deixando de desfrutar de Sua maravilhosa pessoa. **O melhor do culto a Deus quem dá é Deus e não nós.**

- ✓ **O anseio pelo prazer cristão protege a importância da adoração ao nos fazer enxergar que o ato essencial do coração na adoração é um fim em si mesmo, ou seja, a adoração a Deus é o meio pelo qual Deus satisfaz nosso coração. Não podemos dizer para Deus que queremos nos satisfazer Nele para obtermos uma outra coisa. Isso significaria que não estamos satisfeitos em Deus, mas, em outra coisa.** Infelizmente, outros motivos são apresentados para a adoração a Deus, tais como: adoramos para levantar recursos, para atrairmos as multidões, para sarar as feridas das pessoas, para convocar trabalhadores, para levantar o moral da igreja, para dar aos músicos talentosos a oportunidade de cumprirem sua vocação, para ensinar as crianças o caminho da justiça, para colaborar para que casais não se separem, para evangelizar os perdidos em nosso meio, para dar às nossas igrejas um sentimento de que somos família de Deus, etc.

Em tudo isso nós diminuímos a Deus e a adoração. Sentimentos sinceros por Deus são um fim em si mesmos. Eu não posso dizer à minha esposa: “Eu sinto um grande prazer ao estar com você – para que você cozinhe uma deliciosa refeição para mim”. Não é dessa forma que o prazer para com a minha esposa funciona. Ele termina nela. Ele não tem em vista uma refeição deliciosa. (PIPER, 2009, p.64).

Piper então conclui esse assunto dizendo:

Eu não nego que a centralidade da adoração comunitária tenha milhares de resultados maravilhosos na vida da igreja. Assim como sentimentos sinceros melhoram um casamento, a adoração genuína também melhora a vida da igreja. **O que quero dizer é que se adorarmos por esses outros motivos, a adoração deixa de ser autêntica. Manter a satisfação em Deus como algo primordial nos protege dessa desgraça** (PIPER, 2009, p.64).

32

## Conclusão

**O grande desafio que temos na adoração é o de nos deleitarmos em Deus**, sentindo assim o prazer e a satisfação que só Ele nos dar e só Nele podemos encontrar, deixando de lado qualquer sentimento de orgulho em nosso coração ao fazermos algo que aos nossos olhos “ficou bem feito”, mas, que aos olhos de Deus é apenas expressão de um coração orgulhoso demais consigo mesmo, que se vê satisfeito com suas próprias obras e não com a Obra de Deus realizada por meio de Cristo.

Precisamos ter em nosso coração a certeza de que necessitamos totalmente de Deus cada vez que adentrarmos pelas portas desse templo, ou em nossa devoção diária. Precisamos ter em nosso coração aquela sensação de vazio diante de todas as coisas que esta vida nos oferece, e assim, correremos sedentos e famintos por Deus em direção a Ele e por Ele sermos então saciados completamente.